



**O HUMOR LEVADO A SÉRIO:
O USO DAS CHARGES DE CARLOS LATUFF
COMO FERRAMENTA DISCURSIVA E IDEOLÓGICA
EM MANIFESTAÇÕES SOCIAIS ¹**

Rozinaldo Antonio Miani*

Universidade Estadual de Londrina – UEL

viviguimaraesmga@gmail.com

Viviane Guimarães**

Universidade Estadual de Londrina – UEL

mianirozinaldo@gmail.com

RESUMO: Desde suas origens, a charge está associada à realização de críticas e até mesmo de denúncia em diversas questões da sociedade. O objetivo desse trabalho é apresentar algumas charges que saíram dos papéis e ganharam as ruas em manifestações sociais, auxiliando os manifestantes na transmissão das ideias de sua causa, levando em consideração os estudos da filosofia da linguagem de Mikhail Bakhtin que evidencia a natureza ideológica do signo. Portanto, pretende-se apresentar as significações, realizando uma análise das charges por meio da metodologia de análise de imagens de Panofsky, apontando de que forma as charges transmitem os mesmos discursos das manifestações, atuando como uma ferramenta persuasiva.

PALAVRAS-CHAVE: comunicação visual – charge – humor – Carlos Latuff – manifestações sociais.

**THE HUMOR TAKEN SERIOUSLY: THE USE
OF THE EDITORIAL CARTOONS OF CARLOS LATUFF
AS A DISCURSIVE AND IDEOLOGICAL TOOL
IN SOCIAL MANIFESTATIONS**

¹ Versão revisada e ampliada de trabalho apresentado no 40º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (Intercom 2017).

* Professor do Departamento de Comunicação e do Programa de Mestrado em Comunicação da Universidade Estadual de Londrina (UEL/PR). Doutor em História pela Unesp/Campus Assis. Pós-doutor pela ECA/USP (Fundação Araucária).

** Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Estadual de Londrina (UEL/PR).

ABSTRACT: Since its origins, the editorial cartoon has been associated with criticism and even denunciation on various issues in society. The aim of this work is to present some editorial cartoon that have come out of the papers and won the streets in social manifestations, helping the protesters in the transmission of the ideas of their cause, taking into account the studies of Mikhail Bakhtin's philosophy of language that shows the ideological nature of the sign. Therefore, we intend to present the meanings, performing an analysis of the editorial cartoon through Panofsky's image analysis methodology, pointing out how the editorial cartoon convey the same discourses of the manifestations, acting as a persuasive tool.

KEY WORDS: visual communication – editorial cartoon – humor – Carlos Latuff – social manifestations.

INTRODUÇÃO

Desde o seu surgimento, a charge está diretamente ligada à realização de críticas e de denúncias sobre diversos temas e questões que permeiam a sociedade, mobilizando uma de suas principais características que é o humor, que pode ou não levar ao riso. Segundo Daniel de Oliveira Figueiredo, o humor não está necessariamente associado ao engraçado, mas sim agindo “como um fator que potencializa transgressão de entendimento nos leitores e resistência simbólica”.² Essa afirmação evidencia a função transgressora que a charge possui.

A história da charge no Brasil sempre esteve associada à crítica da política e dos costumes; a primeira charge publicada no país, ainda no século XIX, tinha como tema a denúncia de uma situação de suborno, o que já indicava a potencialidade crítica dessa modalidade do humor gráfico. Segundo Tania Regina de Luca e Ana Luiza Martins, a charge chamou a atenção dos brasileiros desde sua primeira aparição na imprensa do país, pois “a válvula de escape do humor funcionou como antídoto contra a censura vigente, bem como o desenho, como expressão plausível de fácil e imediata comunicação”.³ As autoras ainda apontam que esses desenhos “introduziram no Brasil a caricatura como narrativa, recurso poderoso que educava, fazia rir, enfeitava e potencializava uma iniciante imprensa das letras”.⁴ Enfim, a charge funcionava como uma eficiente forma de denúncia e de crítica social e política, além de se comunicar

² FIGUEIREDO, Daniel de Oliveira. **Humor e resistência:** as possibilidades políticas do humor nas charges do jornal O Pasquim. 2012. Dissertação (Mestrado em Comunicação) Centro de Educação, Comunicação e Artes, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2012, 100p., p.98.

³ LUCA, Tania Regina de; MARTINS, Ana Luiza. **Imprensa e cidade.** São Paulo: Editora Unesp, 2006, 136p., p.26-27.

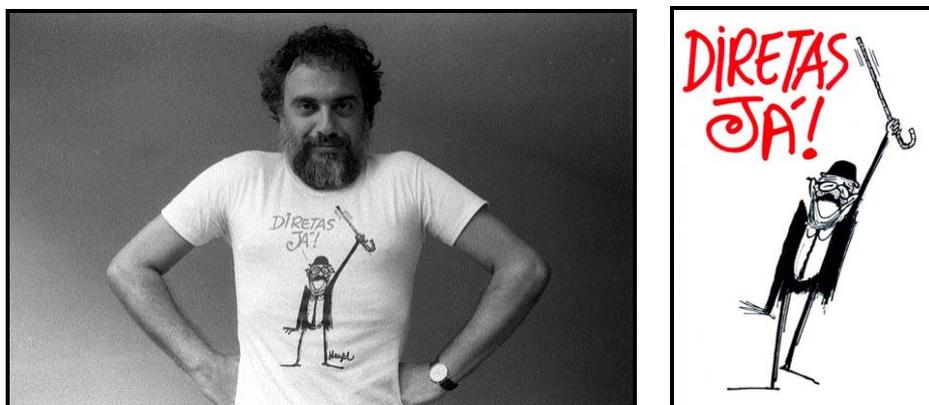
⁴ Ibid.,p.29.

mais facilmente com as pessoas, principalmente, as não alfabetizadas, condição muito comum na época.

Durante o século XX, especialmente nos períodos ditatoriais no Brasil, a charge também funcionou como uma forma de criticar e denunciar diversas práticas governamentais e das classes dominantes. Considerando que nesses períodos a censura foi prática recorrente, era necessário usar a criatividade para expor de forma camuflada ideias diferentes ou antagônicas daquelas defendidas e praticadas pelos representantes dos respectivos governos ditatoriais; tudo isso sem perder o sentido crítico.

Portanto, desde há muito tempo, as charges vêm sendo utilizadas como forma de transmitir e reforçar ideais políticos, sociais e humanitários, realizando denúncias e críticas acerca de diversos assuntos na sociedade brasileira. Por seu potencial crítico e persuasivo e sua natureza ideológica⁵ muitas charges têm sido utilizadas, mais recentemente, em manifestações e passeatas como auxílio ao discurso das respectivas causas e reivindicações defendidas. Como exemplo, é possível citar uma das mais representativas utilizações da charge como símbolo de militância no Brasil, que data de meados da década de 1980, referente à reivindicação pelas eleições diretas para presidente da República. Naquele momento, um desenho produzido pelo cartunista Henfil ganhou as ruas estampando camisetas (figura 1), faixas e cartazes em diversas passeatas em favor das eleições diretas. O movimento utilizou o desenho que apresentava a caricatura do político Teotônio Vilela, conhecido por sua militância em favor das eleições diretas, exclamando o bordão “Diretas Já!”; bordão esse criado pelo próprio Henfil e que deu nome ao movimento

FIGURA 1



⁵ Cf. MIANI, Rozinaldo Antonio. Charge: uma prática discursiva e ideológica. *Revista Nona arte*, v.1, n.1. p.37-48, 2012. Disponível em: <<http://www2.eca.usp.br/nonaarte/ojs/index.php/nonaarte/article/view/3/7>>. Acesso em: 02 mai. 2017.

Fonte: Disponível em: <http://www.debatenews.com.br/2018/01/11/ha-30-anos-morria-o-genial-henfil/>. Janeiro de 2018.

Também em um contexto de militância, o cartunista brasileiro Carlos Latuff produz diversas charges que são utilizadas em diferentes manifestações, tanto no Brasil como no exterior. Contando com uma carga crítica e uma característica de denúncia, seus desenhos são muito utilizados em temas como a defesa da causa Palestina, em favor de movimentos sociais, contra a violência policial e de crítica à conjuntura política de modo geral. Alguns de seus trabalhos são produzidos de forma autoral, expressando a sua opinião sobre um determinado fato, porém, a maioria de seus trabalhos é produzida a partir de solicitações de entidades sociais, sindicatos ou organizadores de eventos para transmitir, por meio da charge, os ideais da respectiva organização.

No decorrer deste artigo serão apresentados alguns exemplos de como as charges de Carlos Latuff serviram como uma ferramenta de auxílio para manifestações sociais. Selecionamos três exemplos, tendo como temas a redução da maioridade penal, a atuação da ex-presidenta Dilma Rousseff e a luta por justiça enfrentada pelos familiares das vítimas do incêndio da Boate Kiss na cidade de Santa Maria/RS. Pretende-se mostrar de que forma seu trabalho vem sendo utilizado como uma ferramenta discursiva, auxiliando os manifestantes a transmitir suas ideias, causas e projetos.

Para tanto, faremos inicialmente uma breve reflexão a respeito do humor como elemento constitutivo da charge, bem como um aprofundamento a respeito de sua condição persuasiva e ideológica. Na sequência, apresentaremos e analisaremos algumas charges de Carlos Latuff que participaram ativamente de determinadas manifestações pelas ruas do país.

CHARGE: HUMOR E DISCURSO IDEOLÓGICO

A charge é uma modalidade do humor gráfico, compreendida como uma manifestação de linguagem de natureza iconográfica, devido ao fato de que sua produção é, predominantemente, realizada por meio do traço humano. Muito embora a charge esteja associada ao cômico e ao entretenimento, o seu uso vai muito além desses propósitos. Com o passar do tempo, a charge foi ganhando espaço e se tornando um importante meio de expressar uma opinião e, conforme apontado por Rozinaldo Antonio

Miani⁶, a charge consolidou o seu potencial político e ideológico enquanto manifestação de linguagem; o autor afirma que a charge foi ganhando expressividade por expor, de maneira lúdica e crítica, um determinado ponto de vista a respeito de um acontecimento ou de uma determinada pessoa. Ainda sobre essa questão, Aucione Torres Agostinho já defendia a ideia de que a charge “não pretende apenas distrair, mas, ao contrário, alertar, coibir e levar a reflexão”.⁷

Com essa afirmação, a relação entre a charge e as manifestações sociais se torna compreensível, já que estas procuram exatamente alertar, denunciar e levar a uma reflexão, até mesmo a uma ação. Essa convicção também é reforçada por Miani que salienta a função persuasiva da charge que pode produzir um envolvimento ou tensionamento junto ao receptor, por meio do humor, podendo, inclusive, resultar em uma mobilização.

Nesse momento, torna-se necessário apresentar uma breve reflexão a respeito do humor como elemento constitutivo das charges. Nesse sentido, quem aborda essa característica da charge com profundidade é Rozinaldo Miani, que afirma que “é pelo humor que uma charge ganha ares de transgressão ao estabelecer uma contradição entre o personagem e a situação real que é retratada [...]; sendo assim, o humor funciona como uma forma bastante consistente de crítica social”.⁸

A concepção de humor que subsidia a compreensão do humor chárgico subverte o principal sentido atribuído ao humor, presente no senso comum, que é a ideia de que o humor é aquele elemento que potencializa o riso. Não se trata de desconsiderar o riso como uma consequência produzida pelo humor, porém, para as reflexões a respeito da charge, o ponto de partida para compreender o humor está balizado pelas contribuições de Umberto Eco ao afirmar que:

El humor no pretende, como el carnaval, llevarnos más allá de nuestros propios límites. Nos da la sensación o más bien el diseño de

⁶ MIANI, Rozinaldo Antonio. Charge: uma prática discursiva e ideológica. **Revista Nona arte**, v.1, n.1. p.37-48, 2012, p.41. Disponível em: <<http://www2.eca.usp.br/nonaarte/ojs/index.php/nonaarte/article/view/3/7>>. Acesso em: 02 mai. 2017.

⁷ AGOSTINHO, Aucione Torres. **A charge**. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação). Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1993, 330p., p.229.

⁸ MIANI, Rozinaldo Antonio. **As transformações no mundo do trabalho na década de 1990**: o olhar atento da charge na imprensa do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC paulista. Assis: Unesp, 2005. Tese (Doutorado em História). Faculdade de Ciências e Letras de Assis, Universidade Estadual Paulista, Assis, 2005, 459p., p.30.

la estructura de nuestros propios límites. Nunca está fuera de los límites sino que mina los límites desde dentro. [...] El humor no nos promete liberación: al contrario, nos advierte la imposibilidad de una liberación global, recordándonos la presencia de una ley que ya no hay razón para obedecer. Al hacerlo, mina la ley. Nos hace sentir la molestia de vivir bajo una ley, cualquier ley.⁹

Essa capacidade de “minar a lei”, como uma decorrência do humor, é que confere à charge o seu potencial transgressor. A esse respeito, Edson Carlos Romualdo afirma que “a charge destrona os poderosos e busca revelar o que está oculto em fatos, personagens e ações políticas”.¹⁰ É justamente nesse sentido que entendemos que o humor é o elemento presente na charge que a torna uma produção crítica e persuasiva e não necessariamente um objeto risível.

Pois bem, considerando o humor como uma característica constitutiva da charge, seguimos nossa reflexão para compreender essa modalidade do humor gráfico como um elemento importante de defesa de ideias e ideologias - e, particularmente, para os nossos objetivos nesse artigo - no contexto de manifestações e passeatas, transmitindo as informações que os manifestantes desejam e, assim, fazendo com que a sociedade se sensibilize e até mesmo se mobilize em prol de suas causas. Sendo assim, é importante entender como se constituiu e se manifesta a questão ideológica por meio da charge.

Como já exposto, a charge é uma forma de linguagem e, para o estudioso russo Mikhail Bakhtin, a linguagem é a arena onde se desenvolve o confronto e a luta de classes. Além disso, Bakhtin afirma que conceber a filosofia do signo ideológico a partir da filosofia da linguagem é a única forma de fazer com que os estudos de Karl Marx abranjam todas as estruturas ideológicas imanentes.

Portanto, de acordo com os estudos do referido autor, todo signo é ideológico, logo a charge também se constitui como signo ideológico tendo em vista se tratar de uma manifestação de linguagem. Para Bakhtin, “ali onde o signo se encontra, encontra-se também o ideológico”.¹¹ Justamente a partir dessas ideias, Miani afirma que a charge possui uma natureza discursiva e ideológica e, nesse sentido, é possível reconhecer que

⁹ ECO, Umberto. Los marcos de la ‘libertad’ cómica. In: ECO, Umberto; et.al. **Carnaval!**. México: Fondo de Cultura Económica, p.9-20, 1989, p.19.

¹⁰ ROMUALDO, Edson Carlos. **Charge jornalística: intertextualidade e polifonia: um estudo de charges da Folha de S.Paulo**. Maringá, PR: Eduem, 2000, 206p., p.21.

¹¹ BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 12.ed., São Paulo: Hucitec, 2006, 196p., p.30.

a charge é utilizada em algumas manifestações sociais para corroborar com o seu respectivo propósito discursivo.

Nessa reflexão, é importante salientar que, conforme argumentado por Marx e Engels¹², ideologia é a exteriorização das ideias das classes dominantes sobre as classes dominadas, em uma determinada época histórica e “a charge, neste contexto e entendida como uma dessas práticas discursivas, ganha força como reveladora de ideias e expressão ideológica de uma determinada posição política que está no exercício do poder”.¹³

Como a charge “aciona um mecanismo que produz sentido e verdade na imaginação e, através dela, articula seu discurso na fronteira da realidade, pelas bordas da razão”¹⁴, é necessário realizar uma análise dessas charges, verificando quais elementos estão presentes no desenho, quais figuras, pessoas ou acontecimentos ela deseja expressar e em que contexto ela está inserida.

Vale lembrar que, conforme apontando por Peter Burke, as imagens contam uma história. Portanto, é interessante ressaltar que a charge, por ser uma imagem, conta uma história por meio do desenho. Afirma o referido autor:



[...] pode-se argumentar que a função das imagens é ainda mais importante enquanto a revolução está acontecendo. Elas têm muitas vezes contribuído para politizar pessoas comuns, especialmente - mas não exclusivamente - em uma sociedade pouco letrada.¹⁵

Portanto, é possível perceber como as charges de Carlos Latuff, produzidas e publicadas no tempo em que as ações estão ocorrendo, retratando um acontecimento contemporâneo, auxiliam no processo de sensibilização e tensionamento das pessoas, servindo, inclusive, como uma voz ativa dos manifestantes. Afinal, elas são produzidas no contexto da ação, refletindo os sentimentos e opiniões que estão evidenciados durante a ocorrência do acontecimento. Sendo assim, a charge consegue transmitir o imaginário social naquele momento, expressando discursos e ideologias.

A CHARGE GANHANDO AS RUAS

¹² MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**. São Paulo: Expressão Popular, 2009, 126p.

¹³ MIANI, Rozinaldo Antonio. Charge: uma prática discursiva e ideológica. **Revista Nona arte**, v.1, n.1. p.37-48, 2012, p.45. Disponível em: <http://www2.eca.usp.br/nonaarte/ojs/index.php/nonaarte/article/view/3/7>. Acesso em: 02 mai. 2017.

¹⁴ TEIXEIRA, Luiz Guilherme Sodré. **Sentidos do humor, trapaças da razão**: a charge. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2005, 128p., p.75.

¹⁵ BURKE, Peter. **Testemunha ocular**: história e imagem. Bauru, SP: EDUSC, 2004, 250p., p.182.

Devido sua função persuasiva em que se explicitam questões discursivas e ideológicas, a charge vem sendo utilizada em algumas manifestações sociais como forma de transmitir e reforçar os propósitos e os ideais de tais manifestações, tanto no Brasil como em outras partes do mundo. Durante passeatas, greves e mobilizações sociais não é difícil encontrar placas, faixas, cartazes e banners estampando charges que transmitam o mesmo pensamento ou argumento daqueles manifestantes.

Por serem produções imagéticas, as charges necessitam de análises específicas e, portanto, é necessário extrair as representações e significações por meio dos elementos que as constituem. Levando em consideração a metodologia de análise proposta por Erwin Panofsky¹⁶ (método iconológico), em que é preciso identificar os elementos que estão presentes na imagem, apontando o que elas representam e assim inseri-las no contexto em que foram produzidas, as charges a seguir serão observadas e analisadas seguindo tal metodologia.

Todas as charges selecionadas para análise neste artigo foram produzidas por Carlos Latuff. Trata-se de um chargista brasileiro que tem colocado sua arte a serviço das mais diversas causas e reivindicações sociais. Latuff “tem sua produção publicada, predominantemente, na imprensa sindical e/ou alternativa, em sites noticiosos do campo político da esquerda ou em seus próprios endereços virtuais na internet”.¹⁷

Desde sua projeção - por meio da produção de charges - como um defensor intransigente da causa palestina e outras causas sociopolíticas nacionais e internacionais, Latuff se tornou um dos artistas mais identificados com o que se poderia caracterizar como “ativista”, ou seja, o artista que coloca a arte na sua expressão plena como prática política. Um dos principais desdobramentos disso tem sido, justamente, a apropriação de suas charges para utilização em mobilizações e manifestações sociais. O próprio chargista reconheceu a importância desse fenômeno em uma de suas entrevistas:

Bom eu costumo dizer que o papel da charge é originalmente editorial, ou seja, ilustrar artigos em jornais, em revistas, então basicamente o papel do chargista é editorial. Quando você tem uma charge que transcende esse papel, que vira um poster na mão de manifestantes,

¹⁶ PANOFSKY, Erwin. **Significado nas artes visuais**. São Paulo: Perspectiva, 2004, 440p.

¹⁷ MIANI, Rozinaldo Antonio. A representação iconográfica da Comissão Nacional da Verdade nas charges de Carlos Latuff. In: MARQUES, Antonio José; TROITIÑO, Sonia. **Arquivos do mundo dos trabalhadores da cidade e do campo**. Volume 1. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional; São Paulo: Central Única dos Trabalhadores, p.121-152, 2016, p.131.

em qualquer parte do mundo, seja em favor dos palestinos ou em favor de uma outra causa relevante, você está transcendendo, você está ultrapassando esse papel estabelecido da charge, você está assumindo o papel da arte, o papel transformador, o papel que movimenta as consciências das pessoas, os olhares, então toda vez que vejo manifestante em qualquer parte do mundo levando seja na primavera árabe no Egito, seja na Turquia, durante os protestos de desembargue lá em Istambul, seja em relação a violações contra os direitos humanos, seja na questão palestina, eu sinto que a minha charge deixa de ser apenas uma imagem editorial e passa a ser um instrumento de luta desses povos e esse tipo de situação me dá a certeza de que estou cumprindo esse meu papel histórico como chargista.¹⁸

Diante disso, como primeiro caso a ser analisado, apresentamos a charge produzida em julho de 2009 por Carlos Latuff - originalmente produzida com o propósito de fazer uma crítica à política de segurança pública do estado do Rio de Janeiro, baseada no extermínio e na criminalização da pobreza - e que serviu de ilustração para os anúncios de um evento intitulado “Caminhada em Defesa da Vida”, que ocorreria no Rio de Janeiro no dia 24 de julho de 2009 e que tinha por objetivo rememorar os 16 anos da “Chacina da Candelária”, acontecido em 23 de julho de 1993, bem como denunciar o projeto de redução da maioria penal no Brasil (figura 2).

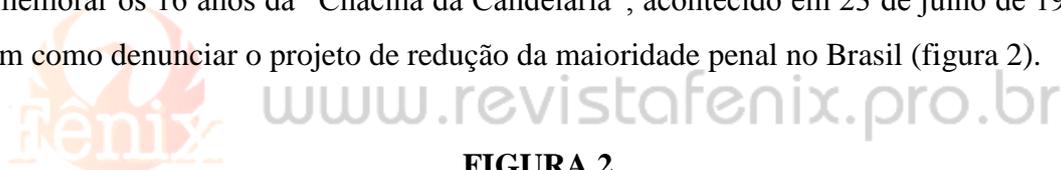


FIGURA 2



Fonte: Disponível em: <https://desertpeace.wordpress.com/2009/07/25/taking-the-message-to-the-streets-in-rio/>. Julho de 2009.

¹⁸ LATUFF, Carlos. **A charge de Carlos Latuff como instrumento da luta dos povos oprimidos.** [Entrevista concedida à Truth Human Rights Research Center NGO]. Disponível em: <http://por.truthngo.org/2018/06/a-charge-de-carlos-latuff-como-instrumento-de-luta-dos-povos-oprimidos/>. Acesso em 18 jul. 2018.

Em 2009, os debates acerca da redução da maioria penal foram assunto na mídia e no Congresso Nacional pelo fato de que, em abril daquele ano, a Comissão de Constituição, Justiça e Cidadania (CCJ) da Câmara dos Deputados passou a examinar pedidos de emendas que propunham a redução da maioria penal de 18 anos para 16 anos. Naquele momento, a população passou a se manifestar a respeito de tais discussões, uns a favor e outros contra tal redução. Além disso, o cenário de violência que marcava as operações policiais no Rio de Janeiro, principalmente nas favelas, também ganhava as manchetes de jornais e provocava o temor entre as pessoas.

No desenho é possível ver a representação de um homem de terno, posicionado atrás de um muro, enquanto aponta uma arma para a cabeça de um menino negro que segura uma bola de futebol em uma de suas mãos. No terno do homem é possível ler a palavra “Estado” indicando, portanto, que esse homem seria uma representação imagética do Estado. Ao analisar os elementos que constituem essa charge, conseguimos perceber o sentido de signo ideológico apontado por Bakhtin:



Afinal, compreender um signo consiste em aproximar o signo apreendido de outros signos já conhecidos; em outros termos, a compreensão é uma resposta a um signo por meio de signos. E essa cadeia de criatividade e de compreensão ideológicas, deslocando-se de signo em signo para um novo signo, é única e contínua: de um elo de natureza semiótica (e, portanto, também de natureza material) passamos sem interrupção para um outro elo de natureza estritamente idêntica.¹⁹

O Estado representado de tal forma indica que se trata de uma instituição repressiva e que, resguardado atrás de seus próprios muros, se posiciona em um dos lados da realidade - defendendo os interesses dos setores da sociedade identificados com as classes dominantes em detrimento dos setores subalternos. A imagem do muro que se perde no horizonte sugere a completa separação entre duas realidades, bem representada na ideia de “asfalto” *versus* “favela”, e o Estado é apresentado como defensor (armado) dos interesses do asfalto.

Ainda na imagem é possível identificar, atrás do menino negro, traços do que seria uma favela da cidade do Rio de Janeiro - reconhecido pelo cenário revelado atrás da figura do representante do Estado - e o adolescente, ao ser desenhado com uma bola nas mãos, sugere que se tratava de uma pessoa normal que estava apenas brincando. No

¹⁹ BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 12.ed., São Paulo: Hucitec, 2006, 196p. p.32.

entanto, ele é ameaçado por uma arma em sua cabeça apontada pelo Estado. Disso decorre uma interpretação de que o chargista está promovendo uma subversão do senso comum, que considera que a favela representaria uma ameaça para as pessoas da cidade, e denunciando que, ao contrário disso, o Estado (principalmente, por meio de suas instituições repressivas) é que ameaçaria os moradores das favelas, atribuindo-lhes uma condição (depreciativa e criminalizada) de “classes perigosas”²⁰ e promovendo todo tipo de violência. Nesse caso, percebemos de maneira evidente o humor chágico agindo como elemento transgressor.

Outros dois elementos interessantes de serem analisados nessa charge são os desenhos do helicóptero sobrevoando a favela e a asa-delta sobrevoando o Pão de Açúcar, este um local reconhecidamente voltado para o turismo. Esses dois elementos inseridos no desenho mostram que, de um lado, as favelas são sempre alvo de observação e controle policial, necessitando de vigilância aérea (para garantir a segurança das elites), enquanto do outro lado prevalece o lazer e a diversão para as classes dominantes, protegidas (inclusive, com violência) pelo Estado.

Devido aos elementos encontrados na charge e à carga discursiva e ideológica que ela apresenta (principalmente, o fato de ter sido desenhada por Latuff com o propósito de denunciar a violência praticada pelas forças de segurança pública do estado do Rio de Janeiro), o desenho foi utilizado em um *outdoor* que convocava um evento - combinado com uma manifestação - que foi nomeada de Caminhada em Defesa da Vida, e que ocorreria em 24 de Julho de 2009 (figura 3).

No *outdoor*, a charge foi associada à seguinte frase: “Candelária, Vigário Geral, Baixada, Alemão... Até Quando?”. Essa frase fazia alusão às chacinas ocorridas naquelas localidades onde dezenas de jovens foram mortos. Mais abaixo é possível ler o seguinte texto: “Infeliz é a sociedade que assiste passivamente a sua juventude ser exterminada”. Essa frase está diretamente ligada à crítica em relação à postura do Estado que, como apresentado pela charge, estaria interessado em exterminar os jovens das favelas e, nesse propósito, a redução da maioria penal seria uma maneira eficaz de facilitar tal extermínio, fugindo de suas responsabilidades, como melhorar a saúde, a educação e as condições de vida desses jovens.

²⁰ A esse respeito ver, principalmente: COIMBRA, Cecília. **Operação Rio - o mito das classes perigosas**: um estudo sobre a violência urbana, a mídia impressa e os discursos de segurança pública. Rio de Janeiro: Oficina do Autor; Niterói: Intertexto, 2001, 276p. e GUIMARÃES, Alberto Passos. **As classes perigosas**: banditismo urbano e rural. Rio de Janeiro: Graal, 1981, 206p.

FIGURA 3



Fonte: Disponível em: <https://desertpeace.wordpress.com/2009/07/25/taking-the-message-to-the-streets-in-rio/>. Julho de 2009.

Como já abordado, a Caminhada em Defesa da Vida, dentre outras motivações, tinha como propósito rememorar os episódio da Chacina da Candelária de 1993 e, nesse sentido, representaria a criação de um fato político contra uma realidade recorrente de violência (policial, institucional) contra os moradores das favelas. A combinação dessa denúncia com uma crítica ao projeto de redução da maioria penal é reforçada pela frase que remete a uma omissão da sociedade em relação ao extermínio de “sua juventude”, esta que ficaria ainda mais vulnerável caso um projeto daquela natureza fosse aprovado.

Portanto, é possível perceber que a charge de Latuff se encaixa perfeitamente aos ideais que essa manifestação social desejava transmitir, fazendo da charge uma ótima ferramenta de persuasão, materializando sua função discursiva e ideológica. Nesse ponto, é interessante acrescentar que, segundo Teixeira, a charge age por meio de uma agressividade em sua forma, ou seja, ela aprofunda o impacto visual de seu discurso, para assim poder atrair a atenção daquele que a vê: “A agressividade é a fonte de onde brota seu humor como discurso que repercute atos, reações públicas, opções partidárias

e determinações ideológicas”.²¹ Com isso, é possível perceber que a charge de Latuff mostra de uma forma bem explícita as intenções do Estado, sem eufemizar a situação, tornando-se então “agressiva” ao expressar sua ideia, mas, justamente por essa questão, se tornando ainda mais persuasiva e interessante para o uso naquela manifestação.

É preciso destacar, ainda, um importante deslocamento de sentido da charge quando analisada isoladamente e, depois, comparada com seu uso no contexto do *outdoor*. Na charge, há uma explicitação da separação entre duas realidades e, mais do que isso, o reconhecimento de que há uma ação repressiva de um lado sobre o outro; a explicitação e a crítica às consequências dessa separação é seu principal propósito. Por sua vez, no *outdoor*, essa dicotomização da realidade apresentada pela charge é utilizada como elemento contextual para chamar a atenção da “sociedade como um todo”, para que esta reflita sobre a situação de sua juventude - que é empurrada para a marginalidade e, posteriormente, submetida às práticas de violência institucional como pretexto de “correção de rota”. Com isso, a charge que, isoladamente, apresenta a dicotomização da realidade, no *outdoor* ela se converte em uma imagem sistematizada da realidade dialética a ser considerada para pensar e agir em relação à violência praticada pelas forças de segurança pública do estado do Rio de Janeiro e para criticar o projeto de redução da maioria penal no Brasil.

A próxima charge a ser analisada foi produzida por Carlos Latuff no início de julho de 2012 a pedido do Sindicato dos Servidores do Colégio Pedro II (Sidscope), do Rio de Janeiro, que desejava indicar que a então presidenta Dilma Rousseff estava tomando medidas em relação aos servidores públicos que não os agradava (figura 4).

Na charge é possível ver uma mulher, vestida de vermelho, deitada em sua cama lendo um livro com o título “Como lidei com o servidor público por FHC”. Na contracapa do livro é possível ver o desenho de um homem. Ao passarmos para a identificação dos signos dessa imagem, percebemos que a mulher representa a ex-presidenta Dilma Rousseff, reconhecida por meio de seus traços físicos, como o cabelo curto e os dentes à mostra. O homem na contracapa representa o também ex-presidente Fernando Henrique Cardoso devido suas características físicas, como cabelos brancos, queixo avantajado e o uso de óculos. Esses desenhos são as representações imagéticas dos ex-presidentes por meio de suas caricaturas.

²¹ TEIXEIRA, Luiz Guilherme Sodré. **Sentidos do humor, trapaças da razão**: a charge. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2005, 128p., p.83.

FIGURA 4



Fonte: Disponível em: <https://latuffcartoons.wordpress.com/tag/servidores-publicos-federais/>.
Julho de 2012.

Ao apresentar Dilma, deitada em sua cama lendo um livro escrito por FHC, a imagem sugere que a ex-presidenta, naquele momento, estava querendo aprender com FHC uma maneira de tratar o servidor público e, portanto, tomando medidas que mais se assemelhavam aos ideais neoliberais de Fernando Henrique Cardoso (FHC) do que aos ideais de seu próprio partido, o Partido dos Trabalhadores (PT).

Devido à natureza crítica de seu discurso, a charge foi utilizada no dia 18 de julho de 2012 em uma manifestação dos servidores públicos federais, tendo sido reproduzida como um gigantesco painel que ficou exposto em frente ao Palácio do Planalto, residência oficial da presidenta (figura 5). Em seu *blog* pessoal, Latuff comentou sobre a produção da charge e sobre a sua utilização na manifestação:

A charge que produzi originalmente para o Sindicato dos Servidores do Colégio Pedro II mostrando Dilma Rousseff aprendendo com FHC a lidar com o funcionalismo foi transformado num banner gigante pelo Sindicato Nacional dos Servidores Federais da Educação Básica, Profissional e Tecnológica e exibido durante passeata de servidores públicos federais nesta quarta-feira em Brasília. Espero que a presidenta seja fã de caricaturas.²²

²² LATUFF, Carlos. Disponível em <https://latuffcartoons.wordpress.com/tag/servidores-publicos-federais/>. Acesso em: 02 mai. 2017.

FIGURA 5



Fonte: Disponível em: <https://latuffcartoons.wordpress.com/tag/servidores-publicos-federais/>.
Julho de 2012.

Apesar de não ser visível nessa imagem, é preciso assinalar que na parte inferior do painel havia a seguinte frase: “Dilma corta-ponto Rousseff”. O fato é que o movimento grevista do funcionalismo público federal à época se mostrava bastante forte e envolvia inúmeras categorias de servidores públicos. Com isso, a pressão junto ao governo federal em torno de suas respectivas reivindicações (a maioria exigia a garantia de reajuste salarial) era muito intensa. Como reação do governo Dilma contra a greve, foi anunciado que se os grevistas não encerrassem o movimento o governo iria realizar o corte de ponto (e conseqüentemente, o desconto nos salários). Tais ameaças, no entanto, não intimidavam os trabalhadores e as manifestações e mobilizações só se intensificavam.

A referida frase se consolidou como uma materialização da própria imagem. O livro que estava sendo lido por Dilma (“Como lidei com o servidor público” por FHC) certamente apresentava as estratégias utilizadas pelo ex-presidente Fernando Henrique Cardoso para enfrentar os movimentos grevistas dos servidores públicos federais ocorridos durante o seu governo e, dentre eles, estava o corte de ponto. Devemos lembrar, dentre outras situações, o episódio ocorrido em 2001, quando FHC determinou o corte de ponto dos docentes das universidades federais que estavam em greve; na ocasião, os reitores se recusaram a seguir tal determinação e o governo acabou cortando o ponto de todos os docentes, decisão que foi posteriormente revertida por medida judicial. Aplicando os mesmos métodos de FHC, Dilma estaria determinada a enfrentar o movimento grevista, dentre outras formas, promovendo o corte de ponto.

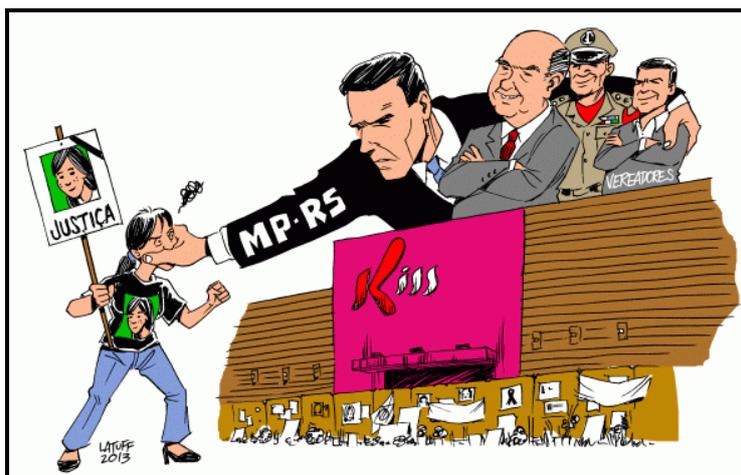
A terceira charge selecionada apresenta como tema um dos mais tristes episódios ocorridos no Brasil. Em janeiro de 2013, um incêndio ocorrido na Boate Kiss, localizado na cidade de Santa Maria, região central do estado do Rio Grande do Sul, vitimou mais de 240 pessoas. Foi considerado o segundo maior incêndio da história do país e ocorreu após uma apresentação pirotécnica da banda gaúcha Gurizada Fandangueira. Essa notícia se espalhou por todo o país, transmitida pela imprensa brasileira, que acabou sofrendo diversas críticas pela forma sensacionalista como esta tratou o referido episódio. Durante dias, o Brasil acompanhou o drama dos familiares pela perda de seus entes queridos.

Com o passar do tempo, o fato começou a cair no esquecimento da população brasileira, porém o drama dos familiares das vítimas estava somente começando. No trabalho de apuração dos fatos, a perícia constatou que diversos fatores auxiliaram na proporção da tragédia. De acordo com Bruna Diniz Carvalho²³, a perícia constatou que a boate possuía apenas uma saída de emergência; o número de pessoas ultrapassava o limite permitido para o local; não possuía sinalização em casos de acidentes; os funcionários não possuíam treinamentos específicos para casos de incêndios; as janelas dos banheiros estavam bloqueadas com madeiras; o material utilizado para o isolamento acústico era inflamável, completamente inadequado para ambientes fechados; dentre vários outros fatores que acabaram por justificar o indiciamento dos sócios da boate. O Corpo de Bombeiros também possuía grande responsabilidade sobre o acidente por não realizar a vistoria necessária, tendo em vista que o Plano de Prevenção e Controle de Incêndio da boate estava vencido havia mais de seis meses. Mais de cinco anos após a tragédia, nenhum dos indiciados ainda havia sido condenado e diversos processos foram arquivados pelo Ministério Público do estado do Rio Grande do Sul. Durante todo esse tempo as famílias das vítimas clamaram por justiça, porém sem sucesso.

Nesse contexto, no dia 25 de janeiro de 2014, um ano após a tragédia, Carlos Latuff, que já havia publicado outras charges sobre o incêndio, publicou uma charge em que representava o drama enfrentado pelos familiares das vítimas (figura 6).

FIGURA 6

²³ CARVALHO, Bruna Diniz. **Breves histórias da maior tragédia do Rio Grande do Sul**: crônicas sobre o incêndio da Boate Kiss. 2016. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social / Jornalismo) Centro de Educação, Comunicação e Artes, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2012. 116p.



Fonte: Disponível em: <https://latuffcartoons.wordpress.com/2014/01/>. Janeiro de 2014.

Na charge é possível ver uma mulher segurando uma placa com a palavra “Justiça”, enquanto o desenho de um grande homem, acima da fachada da Boate Kiss, tampa a boca da mulher com uma de suas mãos. Neste braço é possível ler as inscrições MP-RS. No seu outro braço é possível ver o desenho de outros três homens sendo abraçados e protegidos pelo primeiro. Em um desses sujeitos é possível ler a palavra “Vereadores”. O segundo está vestido com o uniforme dos bombeiros, enquanto o terceiro não possui nenhuma identificação clara. Ao analisar os detalhes da charge, percebe-se então que a mulher é a representação imagética de uma familiar de uma das vítimas em busca de justiça, enquanto o grande homem representa o Ministério Público do Rio Grande do Sul (MP-RS) protegendo a Câmara de Vereadores, o corpo de bombeiros e o prefeito da cidade de Santa Maria/RS, Cezar Schrimmer, que é reconhecível por meio dos traços caricatos do personagem desenhado.

Ao extrair os elementos que constituem essa charge é possível perceber a sua característica discursiva e ideológica, trabalhando como uma ferramenta de persuasão nas manifestações. No desenho é possível ver a representação dos familiares que, ao segurar uma placa com a palavra “Justiça”, indica que os mesmos estão em busca de seus direitos e de um desfecho que atenda aos interesses das famílias das vítimas; porém, ao realizarem manifestações clamando por “Justiça”, estão sendo contidos pelo Ministério Público. No desenho, o MP-RS é representado por um grande senhor de terno, indicando que possui mais poder que os demais; com uma das mãos ele cala a boca da familiar das vítimas e com a outra protege aqueles que, de alguma forma, também tinham alguma responsabilidade pela tragédia.

Essa charge foi utilizada pelos familiares das vítimas como forma de demonstrar todo o descaso que estavam - e ainda estão - sofrendo. De acordo com o site da Seção Sindical dos Docentes da UFSM (Sedufsm) o desenho estampou faixas, camisetas, panfletos e adesivos durante uma manifestação que ocorreu em 27 de janeiro de 2014, além de afirmar que o desenho foi utilizado como uma força de mobilização (figura 7).

FIGURA 7



Fonte: Disponível em: <http://www.sedufsm.org.br/index.php?secao=noticias&id=2690>. Janeiro de 2014.

Após a manifestação, a faixa com a charge de Carlos Latuff passou a estampar a barraca de vigília montada pela Associação de Vítimas e Sobreviventes da Tragédia de Santa Maria (AVSTSM) que é ocupada uma vez por semana pelos familiares que se reúnem para realizar uma vigília. “É o momento em que todos se lembram dos filhos, conversam e dividem a mesma dificuldade”.²⁴

CONSIDERAÇÕES FINAIS

²⁴ CARVALHO, Bruna Diniz. **Breves histórias da maior tragédia do Rio Grande do Sul:** crônicas sobre o incêndio da Boate Kiss. 2016. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social / Jornalismo) Centro de Educação, Comunicação e Artes, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2012, 116p., p.23.

A charge historicamente está associada a críticas e denúncias. Desde sua primeira aparição no Brasil, no século XIX, ela já trazia um discurso crítico em relação a diversas práticas e situações da sociedade. Inclusive, em contextos de censura, a charge age como uma ferramenta de exteriorização de opiniões, ideias e sentimentos contrários à ordem vigente, sempre utilizando de ironia e humor.

Como vimos, o humor é um dos elementos constitutivos da charge, porém ele nem sempre desencadeará o riso, pois, no contexto do humor chágico, ele funciona como aquele fator que potencializa a transgressão, como pudemos verificar nas charges aqui analisadas. Portanto, é preciso entender que nem todas as charges são engraçadas; muitas vezes, elas podem apresentar uma “agressividade” em seu discurso com o propósito de “minar a lei” e persuadir o público a que se destina.

A partir dos estudos de Bakhtin, que afirma que todo signo é ideológico, Miani defende a charge como uma prática discursiva e ideológica e foi nessa perspectiva que procuramos analisar as charges produzidas por Carlos Latuff que foram, posteriormente, utilizadas em manifestações sociais como uma ferramenta de auxílio na persuasão e na disseminação de seus respectivos ideais e objetivos. Os três exemplos analisados neste artigo mostram como essas charges foram inseridas em contextos de manifestações sociais e como elas transmitiram os pensamentos que eram compartilhados por aqueles que estavam engajados diretamente em tais manifestações e que desejavam alertar e denunciar sobre as diversas situações em questão, sensibilizando e mobilizando outras pessoas para suas respectivas causas.

Um aspecto que merece ser ressaltado em relação às análises aqui desenvolvidas é que, considerando que a obra de Carlos Latuff tem uma identificação político-ideológica muito bem demarcada em favor dos direitos e interesses dos setores das classes subalternas, a apropriação de tais produções imagéticas nos contextos sociopolíticos das manifestações e mobilizações sociais analisadas pode ser considerada uma decorrência legítima e até natural da disseminação da obra do chargista.

Além disso, há uma recorrência nas charges aqui analisadas que é o fato de que as críticas implicadas nas charges incidem, fundamentalmente, sobre alguma institucionalidade da lógica da sociedade burguesa contra algum segmento social subalterno ou vulnerável (Estado e forças policiais contra os moradores da favela na tentativa de reduzir a maioria penal; governo federal contra o funcionalismo público em greve por reajuste salarial ameaçando e pressionando pelo fim do movimento

grevista; e Poder Judiciário e políticos locais contra familiares das vítimas de um incêndio procurando se eximir das responsabilidades pela ocorrência da tragédia). No limite, o Estado e suas instituições são caracterizados como representantes de alguns poucos setores (dominantes) privilegiados, em detrimento do interesse da grande maioria da sociedade; essa é uma crítica recorrente nas charges de Latuff e, por isso, elas acabaram sendo apropriadas pelas organizações sociais de setores das classes subalternas em luta contra um Estado que não os representa e não os defende.

Vários outros exemplos poderiam ser aqui apresentados e analisados, mas os limites impostos para este artigo exigem que façamos isso em outra oportunidade.

RECEBIDO EM: 31/05/2018

PARECER DADO EM: 13/06/2018



www.revistafenix.pro.br